



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA

LAURO CRISTIANO MARCULINO LEAL

**BOÉCIO E O CONCEITO DE FELICIDADE NA DE CONSOLATIONE
PHILOSOPHIAE**

Campina Grande – PB

2014

LAURO CRISTIANO MARCULINO LEAL

**BOÉCIO E O CONCEITO DE FELICIDADE NA *DE CONSOLATIONE*
*PHILOSOPHIAE***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda

Campina Grande – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

435 Leal, Lauro Cristiano Marculino
Boécio e o conceito de felicidade na *De consolatione philosophiae* [manuscrito] / Lauro Cristiano Marculino Leal. - 2014.

13 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.

"Orientação: Prof. Dr. José Nilton Conserva Arruda, Departamento de Educação".

1. Filosofia 2. Felicidade 3. Plenitude 4. Supremo Bem I.
Título.

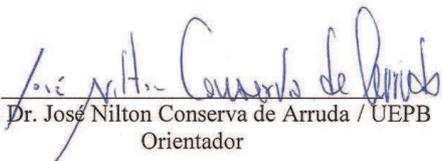
21. ed. CDD 100

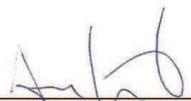
LAURO CRISTIANO MARCULINO LEAL

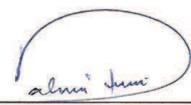
Boécio e o conceito de felicidade na *De Consolatione Philosophiae*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Filosofia.

Aprovado em 10/06/2014.


Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda / UEPB
Orientador


Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho / UEPB
Examinador


Prof. Dr. Valmir Pereira / UEPB
Examinador

RESUMO

O artigo objetiva apresentar o conceito acerca da felicidade proposta por Boécio e presente na sua obra *De Consolatione Philosophiae*. De modo a compreender o seu pensamento no que tange a ideia de estabelecer a felicidade com fim último da existência humana, sendo o supremo bem como caminho consistente e verdadeiro para felicidade em detrimento as possibilidades oferecidas pelos falsos bens. Por essa razão, discorreremos acerca de como o pensador, através de um aprofundamento filosófico do tema, desenvolve um novo direcionamento da compreensão do que é felicidade e dos caminhos para alcançá-la, considerando a tentativa de desconstrução daquilo que era entendido como falso bens.

PALAVRAS-CHAVE: Plenitude. Supremo Bem. Felicidade.

CONCEITO DE FELICIDADE NA *DE CONSOLATIONE PHILOSOFIAE*

"nisi credideritis, non intellegetis"
(Santo Agostinho.)

INTRODUÇÃO

A busca pela felicidade está presente em todos os períodos que compõe a história da filosofia. Portanto, entende-se que não se trata apenas de um tema ovacionado pela necessidade do homem em sentir-se bem, mas na verdade vemos que este seja um dos grandes problemas da filosofia e que vem sendo aprofundado desde os antigos. Quando Blaise Pascal¹, em meio à efervescência da modernidade nos faz lembrar da universalidade do tema afirmando que *todos os homens procuram ser felizes; isso não tem exceções [...]* É este o motivo de todas as ações de todos os homens, inclusive dos que vão se enforçar [...](PASCAL, 2002, p.267) nos resalta a evidência da importância da investigação, a qual nos remete à ideia de que a

¹ Blaise Pascal (1623-1662), Apesar de Pascal ter vivenciado a filosofia no período da modernidade, sua citação foi estimulada por nos fazer perceber que ele utiliza mesmo arcabouço que foi desenvolvido acerca da felicidade, que nos faz compreendê-la como causa final.

felicidade não está limitada a um estudo antropológico, sociológico ou até mesmo mercadológico vivido pela contemporaneidade comum, mas sim a um problema existencial. Portanto, o estudo sobre a felicidade é a retomada da análise do tema tendo como ponto de partida o prisma filosófico, já que o fórum original da discussão tem em seu arcabouço o pensamento filosófico a busca por pela compreensão.

Nesta busca pela compreensão da felicidade temos Severino Boécio² (480-524), pensador que no medievo pode ser identificado pelas suas traduções dos tratados de lógica de Aristóteles, comentários acerca de obras como *Isagoge* de Porfírio, que trata da problemática da existência ou não dos universais, ou pela sua contribuição a filosofia no campo da lógica ou metafísica, no entanto, destacamos a sua mais famosa obra, a *De Consolatione Philosophiae*, que discorre a sua tentativa de compreender a felicidade como causa última da existência humana e os questionamentos que tratam do seu conceito e o meios para alcançá-la, pois a Consolação é a narrativa de uma experiência, até certo ponto idealizada, mas não menos extraordinária, escrita por Boécio¹ no período em que esteve encarcerado em Pavia.

A PROPOSTA DE FELICIDADE NA CONSOLAÇÃO DA FILOSOFIA

A obra nos remete à compreensão de um pensador que teve o privilégio de ser consolado pela própria filosofia³, uma dama idealizada por Boécio que no seu cárcere toma o papel de intermediadora da explosão de pensamentos confusos ao esclarecimento proporcionado pelo exercício da análise da causa final da existência humana, a felicidade. Entretanto, é certo que sua inquietude a respeito da felicidade foi provocada pela tentativa de aceitar à sua situação, que na prisão estava privado da cotidianidade de um cidadão e as licitudes que covinha a sua posição política¹ e assim o angustiava sendo necessário uma nova perspectiva para o que ele entendia por felicidade.

De toda forma, na *Consolação* podemos observar um redirecionamento do pensamento filosófico, que passara pelo novo contexto histórico e ideológico-cristão através de São Gregório de Nisa, Santo Agostinho e outros que faziam parte da

² Anísio Manlio Severino Boécio nasceu em Roma por volta de 480. Foi nomeado cônsul em 510. Ainda por volta de 522-523 exerceu o cargo de *magister officiorum* (direção geral dos serviços da corte e do Estado, algumas funções de política externa, comando dos guardas adidos ao palácio real). Atacado e acusado pelo *referendarius* Cipriano, expoente do partido filogótico, foi preso e julgado sem ao menos ser ouvido. (REALE, 1997. P. 131)

³ Ao escrever sua obra, Boécio cria um diálogo com a personificação da filosofia em forma de uma bela mulher, tem como propósito expulsar tudo aquilo que o atormentava e através e fazer com que ele possa compreender o sentido da existência humana, através da investigação acerca da felicidade.

patrística e que assim entendiam que os conceitos desenvolvidos pela antiguidade eram pensamentos que amparavam a tentativa de compreensão do cristianismo.

Desta forma, o conceito de felicidade desenvolvida pelos pensadores antigos servirá como arcabouço histórico na reflexão que será feita em Boécio, em que, estaremos discutindo inicialmente o que a filosofia já tinha de entendimento acerca do tema para em seguida investigarmos as problemáticas dispostas no texto da *De consolatione philosophiae*. Neste ponto, teremos estabelecido a estrutura do pensamento da eudaimonia na história e poderemos, com o auxílio da bibliografia, refletirmos sobre as questões que foram propostas para o desenvolvimento de nossa pesquisa, onde visa a análise sistemática do pensamento boeciano e seu entendimento da felicidade.

Assim, a proposta boeciana é de buscar a felicidade como sentido final de todas as coisas, pois, tendo em vista que ela é o fim último do homem, admitir-se-á então um novo direcionamento no sentido comumente evocado à noção de felicidade, pois analisando a história da filosofia, a felicidade começou a ser moldada com os antigos assim como a compreensão necessária de *eudaimonia*⁴ estava ligada ao conjunto de ações que construía uma vida feliz. O desenvolvimento estrutural da que nos traz toda a historicidade da ideia de felicidade debatida e relativa à antiguidade e extensiva àquilo que foi conceituado principalmente em Aristóteles, na *Ética a Nicômaco*. Boécio promove ainda o desenvolvimento do pensamento da *eudaimonia* no medievo, que terá extensões até a modernidade.

No tocante a Boécio, o professor Juvenal Savian Filho⁵ descreve que, “a felicidade implica completude de bens, no sentido de reunir, em si, todos os bens desejáveis, a ponto de, uma vez obtida, não deixar mais nenhuma possibilidade para se desejar algum outro bem, visto que, se houvesse tal possibilidade, a felicidade não seria o sumo bem desejado por todos, mas deveriam, para além dela, algo que ainda se poderia desejar” (FILHO. 2005.p, 110). E este salto compreensivo fincará a felicidade como problema existencial, ultrapassando qualquer ideia de que sua obra é na verdade unicamente um relato histórico descrito através de uma obra meramente autobiográfica.

⁴ Etimologicamente, consiste das palavras “da *EU*” (bom) e “*daimon*” (consciência), entretanto, seu sentido é extenso não podendo ser associado apenas a noção de bem-estar, mas na verdade, a um sistema filosófico abordado em todos os períodos da história da filosofia, de modo que em todos há estruturas que dão múltiplos sentidos e em sua maioria distintas.

⁵ Doutor em Filosofia Medieval pelo Departamento de Filosofia da USP.

FELICIDADE NA CONSOLAÇÃO DA FILOSOFIA

Especificamente, a meditação boeciana sobre o problema da felicidade é efetuada no Livro III da *Consolação*. Ali Boécio nos dirá tudo aquilo que a felicidade não é. Desta forma compreendemos a sua definição sem a inferência do que ele entende que seja erros provocados pela ignorância (BOÉCIO.1998,p, 55) - a saber os falsos bens - nos influenciara distorcendo o sentido real, nos fazendo remeter ao mesmo ponto por ele condenado, que é o de considerar os bens como prazer, riqueza, honra, poder e glória como meio para a felicidade. No seu entendimento, a concepção de que existem realidades que não correspondem e não têm capacidade de proporcionar felicidade tomam força e logo quando antecipa (Prosa 10 do Livro III), que vai ser analisado no Livro X, ou seja, que Deus é o princípio de todas as coisas e que tudo necessariamente está ligada Ele.

A proposta do pensador é de trazer a ideia da verdadeira felicidade como o fim último a ser alcançado, com o condicionamento de ter em si a propriedade de satisfazer o homem sem que haja a possibilidade de desejar outro bem, pois todos os bens por ele elencado são ineficazes ao esforço de trazer o homem a felicidade e portanto não devem ser buscá-los, pois como afirma a Filosofia:

Ora, trata-se de um bem que, ao ser obtido, não deixa lugar para nenhum outro desejo. E é realmente o bem supremo, que contém si mesmo todos os bens: se apenas um lhe faltasse, ele não poderia ser o bem supremo, pois fora dele haveria algo ainda a ser desejado. É claro, portanto, que a felicidade é um estado de perfeição, pelo fato de reunir em si mesma todos os bens. (BOÉCIO. 1998, p.55)

Sendo assim, para o Mestre, a verdadeira felicidade não pode ser compreendida e encontrada na inconsistência demonstrada neste mundo através dos seus bens oferecidos, pois há aqueles que consideram como aquilo que lhe concede o caminho a felicidade no que ele vai identificar como os *bens falsos e errados*, já para alguns, acreditando que o supremo bem esteja nas riquezas, trabalhando constantemente com a esperança de que através do acúmulo de tesouros possam se guardados de qualquer tropeço em suas vidas e não se percebem que ficam sujeitos a instabilidade do valor das coisas e iminente possibilidade de voltam ao estado de pobreza, pois em si mesmas não há nenhuma beleza ou dignidade. Também aos que entendem que no poder vivenciam a felicidade e para isso adentram a um galanteio incessante aos governantes. Outros buscam nos prazeres de forma desmedida e não intuem que eles são curtos e condicionais; e por fim a quem diga que na honra e glória

encontrem a felicidade, no entanto, apenas estes apenas geram engano e desilusões o que é definido pela Filosofia com **um caminho que levam a um beco sem saída e não ao lugar aonde prometem levar.**

Vimos que a verdadeira felicidade é completa, pois nela mesma necessariamente todos os bens devem ter o seu fim e desta forma compreender toda as desejos e ausências do homem. Nisto, Boécio, não irá propor apenas um meio para a felicidade, pois a isto pouco nos seria acrescentado, já que ele mesmo afirma que :

“é evidentemente a felicidade que os homens buscam por caminhos tão diferentes, e isso serve para mostrar manifestadamente a energia inesgotável da Natureza, já que, por contraditórios e diversos que sejam seus caminhos, todos eles reconhecem estar perseguindo um mesmo fim: a felicidade” (BOÉCIO 1999, pag. 57)

Entretanto, a sua intenção é demonstrar que a *beatitudo* é a reunião de tudo o que homem deseja, pois trata-se de um bem que não deixa a possibilidade de anseio por nenhum outro desejo.

A INFLUÊNCIA HISTÓRICA NO PENSAMENTO DE BOÉCIO

De forma paralela, e já acompanhando o movimento patrístico⁶, Boécio inicia uma inseminação da ideologia contida no cristianismo, no tocante ao fazer com o que a proposta dos Evangelhos torne-se adequada aos critérios do pensamento filosófico, pois como veremos na citação seguinte, ele trata da tentativa do despreendimento da vida, de tudo que é passível da corruptibilidade, corroborando com princípios norteados pelos ensinamentos cristãos:

Acreditando que o bem supremo consiste em não lhes faltar nada, trabalham sem cessar para amealhar riquezas; outros, acreditando que o bem supremo consiste em serem tidos em alta conta pelos concidadãos, esforçam-se por se fazer respeitar por todos ocupando cargos honoríficos. Outros há que estão persuadidos de que o supremo bem reside no poder supremo; assim, desejam o poder para si ou tentem se imiscuir na corte dos governantes. Quanto àqueles que acreditam não haver melhor que a celebridade, tratam de tornar seu nome glorioso na paz ou na guerra. Contudo a maioria acredita ter obtido o soberano bem quando estão

⁶Indica-se por este nome a filosofia cristã dos primeiros séculos. Consiste na elaboração doutrinal das crenças religiosas do cristianismo e na sua defesa contra os ataques dos pagãos e contras as heresias.(ABBAGNANO,2007. p.868)

alegres e contentes: a seus olhos a superema felicidade em se embriagar no prazer. (BOÉCIO, 1998, p.55)

E nesta compreensão dualística do pensamento boeciano, ao passo que as interferências das noções cristãs são percebidas cada vez mais presentes em seu discurso, é entendida como natural, tendo em vista que devemos perceber que as justaposições do pensamento de Boécio à filosofia antiga, através de Platão e de forma inovadora da ética eudaimonista aristotélica passa a ser incluída, pois a tentativa era a de canalizar tudo o que fosse possível para a compreensão das coisas a partir de Deus aproveitando as brechas contidas no platonismo.

Deste modo, a incomum influência de Aristóteles no pensamento boeciano nos chamará à atenção, pois em toda Patrística, a matriz é o movimento apologético do cristianismo com o aproveitamento do pensamento platônico, tendo em vista a compreensão da teoria dos dois mundos (inteligível e sensível) que era evidente a tentativa de suscitar esta relação, sobretudo com a similitude com a teoria cristã que acredita que a existência humana é construída a partir do mundo espiritual e materializado no mundo natural. Sendo assim, Boécio rompe com este paradigma introduzindo Aristóteles na discussão mesmo com a arquitetura materialista.

O pensamento aristotélico era então pouco utilizado dentro do pensamento cristão. Pois, não era possível admitir a existência de Deus sem fazer referência à proposta de Platão. Entretanto, Boécio emprega a ética eudaimonista de Aristóteles, ao passo que, da mesma forma que é observado no pensamento aristotélico que as coisas que desejamos fazem parte do mundo sensível e nada que possa ser imaginado tem possibilidade de existir fora dele, ele irá demonstrar que a felicidade não é algo que não rodeia outras dimensões, mas que é real e está contida dentro da própria essencialidade de Deus, e esta essência estando em nós, torna o homem capaz, com a ajuda de Deus, de gozar da felicidade. Pois a proposta boeciana na *Consolação* é da “consciência da sua origem e do seu destino mediante um voltar-se a si próprio (SARANYANA. 2006, p.115)”, como afirma São Pedro: “Dessa maneira, ele nos deu as suas grandiosas e preciosas promessas, para que por elas vocês se tornassem participantes da natureza divina (...)”. (Bíblia Sagrada. 1ª Pe. 1:4).

Deste modo, a proposta boeciana disposta na *Consolação da Filosofia*, é exatamente a reconstrução da discussão acerca da felicidade vista na antiguidade, e teria agora uma inversão da percepção, logo, a busca pela vida feliz era precedida da ideia de ajuntamento de ações posto em prática promoveria uma vida agradável. Entretanto, para Boécio a felicidade “trata-se de um bem, ao ser obtido, não deixa lugar para nenhum outro desejo. [...] É claro, portanto, que a felicidade é um estado de perfeição, pelo fato de reunir em si mesma todos os bens”. (BOÉCIO. 1998.p,55)

Assim, o pioneirismo de Boécio, ao entender que a filosofia é um meio para a compreensão do cristianismo, irá servir de elemento principal na receptividade de toda a historicidade da filosofia, fazendo que, aquilo que era tido como apenas uma obra indicada pela falta de perspectiva de vida em meio ao seu destino, passa a ter elementos filosóficos que exigem uma investigação das postulações boecianas para compreendermos a dimensão do seu pensamento acerca da felicidade e suas implicações do desenvolvimento do medievo, que para o professor Josep-Ignasi Saranyana “A influência de Boécio estende-se-á não somente pela idéas transmitidas à Idade Média, mas também pelo método de trabalho intelectual [...]; pelo modo de condensar em fórmulas precisas o pensamento (sententiae; e especialmente por usa classificação ou hierarquização das ciências, que se tornará universal na Alta Escolástica.”(SARANYANA, 2006, p.110)

Portanto, como afirma Édouard Jeuneau, “Boécio legou a filosofia um certo número de definições que atravessarão a Idade Média, as eternidades, de beatitude, de pessoa” (JEAUNEAU. 1963, p. 18). E deste modo, a *De Consolatione Philosophiae* alcança não somente o consolo necessário à Boécio, tendo em vista a amargura de uma vida na prisão, mas nos atinge, ao ponto que nos propõe uma reflexão daquilo que entendemos como felicidade e os meios para alcançá-la.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como percebemos, aquilo que nos move no entendimento da obra *De consolatione philosophiae*, é que através da análise e da reflexão, compreendemos a sistematização e argumentação proposta por Boécio para justificar o seu entendimento de que a felicidade é algo que está direcionado ao homem e que apenas em Deus podemos ter o supremo bem, e deste modo, a própria felicidade. Como nos afirma o professor Cleber Duarte Coelho⁷ em seu comentário da Obra “somos felizes enquanto partícipes do divino” (COELHO. 2014, p.130).

Assim, no Livro III temos a reunião de toda a problemática vivida por Boécio em seus últimos dias, pois em meio ao seu cárcere ele tenta compreender as motivações de suas angústias e a percepção de um novo horizonte de conhecimento e que é suficientemente capaz para iluminar os seus pensamentos. Desta forma, o apego ao Divino pelo desespero ou medida emergencial não o faria ciente de que a necessidade

⁷Cleber Duarte Coelho, Mestre em Filosofia Medieval pela PUC-RS (2004) e Doutor em Ética e Política na UFSC (2009) onde atualmente exerce suas atividades no Departamento de Filosofia.

apontado pela Filosofia, já que em meio a tudo que tinha como convicção não foi do acolhimento promovido não o forneceria razão suficiente, pois apenas pelo aprofundamento no que é verdadeiro, e esta verdade entende-se por Deus, pode preencher tudo aquilo que o homem precisa.

Portanto, a obra alcança o seu propósito que é de consolar o seu próprio provocador, lhe provendo do conhecimento requerido e ultrapassando a transitoriedade da sua situação, o que fez levantar novos questionamentos mostrando que sua obra oferece ao pensamento filosófico do Medievo a exigência de que as coisas devem aprofundadas para serem vividas, pois “o consolo parece estar justamente no fato de que, independentemente do que ocorra no mundo, onde tudo é mutável e inconstante, o homem pode encontrar em seu interior um refúgio seguro contra as contras as transformações da vida.” (COELHO. 2014, p. 50)

ABSTRACT

The article presents the concept about happiness proposed by Boethius and present in his work *Philosophiae From Consolatione*. In order to understand his thought regarding the idea of establishing happiness with last end of human existence, the supreme being as well as consistent and true path to happiness over the possibilities offered by fake goods. For this reason, we will discuss about how the thinker through a philosophical reflection on the theme, develops a new direction of understanding of what happiness is and the ways to achieve it, considering the attempt to deconstruct what was understood as fake goods.

KEYWORDS: Fullness. Well Supreme Happiness.

Dedico este trabalho à de Irene do
Nascimento Vieira.

REFERÊNCIAS

- A BÍBLIA SAGRADA**, Tradução: João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada no Brasil. 2a ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993
- _____. De Jerusalém. 1ª Edição. São Paulo: Paulus, 2013.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Trad. Mário de Gama Kury. 3.ed. Brasília; Editora UNB, 1985
- ABBAGNANO, Nicola. **História da Filosofia**. Volume IV. 3ª Edição. Editora Presença. Lisboa, 1985.
- _____. **Dicionário de Filosofia**. 2ª Edição Corrigida e Ampliada. Editora WMFmartinsfontes, 2012.
- BOÉCIO. **A Consolação da Filosofia**. Tradução: Willians Li. 1ª Edição. Editora Martins Fontes. São Paulo, 1998.
- COELHO, Cleber Duarte. **O homem, o bem e a felicidade na Consolação da Filosofia de Bécio**. 1ª Edição. Editora CRV. Curitiba-PR, 2014.
- CONTE-SPONVILLE, André. **A felicidade, desesperadamente**. 1ª Edição. Editora Martins Fontes. São Paulo, 2012.
- EPICURO. **Carta Sobre a Felicidade (A Meneceu)**. Tradução: Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. Fundação Editora da UNESP. São Paulo, 2002.
- FILHO, Juvenal Savian. **Cadernos de Ética e Filosofia Política** 7. 2/2005, p. 109-127.
- JEAUNEAU, Édouard. **A Filosofia Medieval**. Tradução: João Afonso dos Santos. Editora Edições 70. Lisboa-PT, 1963.
- LIBERA, Alain. **A Filosofia Medieval**. Editora JZE. Rio de Janeiro, 1990.
- SARANYANA, Josep-Ignasi. **A Filosofia Medieval**, das origens patrísticas à escolástica barroca. Tradução: Fernando Salles. Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio” (Ramon Llull). São Paulo, 2006.
- REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia**. Volume 2. 4ª Edição. Editora Paulus, São Paulo, 2011.
- PASCAL, **Pensamentos**. www.eBooksBrasil.com .